



## O APAGAMENTO DO R NA ESCRITA DE ALUNOS DO SEXTO ANO: UM ESTUDO ORTOGRÁFICO DE BASE SOCIOLINGUÍSTICA

*THE DELETION OF R IN THE WRITING OF SIXTH GRADERS: A SOCIOLINGUISTICALLY BASED ORTHOGRAPHIC STUDY*

Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)<sup>1</sup>  
[lucirenesilva@cchl.uespi.br](mailto:lucirenesilva@cchl.uespi.br)

Marcelino Rodrigues Cutrim Netto (SEDUC-MA)<sup>2</sup>  
[marcelinorodrigues30@gmail.com](mailto:marcelinorodrigues30@gmail.com)

**RESUMO:** Apresentamos um recorte de dissertação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PROFLETRAS), na qual se discutiu o apagamento do R em final de verbos na escrita de alunos do sexto ano, e se fez a proposição de um objeto de aprendizagem, a partir da aplicação de um conjunto de exercícios trabalhados em sala de aula, voltados especificamente para o apagamento do R na escrita de alunos do Ensino Fundamental. Adotamos, nesse trabalho, as contribuições da Fonologia de Alvarenga e Oliveira (1997); Bisol (2005); Scliar-Cabral (2003), de Ortografia propostas por Moraes (1999); Zorzi (1998), e da Sociolinguística Educacional, desenvolvida por Bortoni-Ricardo (2004; 2005) etc. Aplicamos cinco atividades para análise de percepção auditiva do /R/, pronúncia do /R/, leitura e escrita do R; e analisamos as produções textuais de uma turma de 30 alunos do sexto ano de uma escola pública estadual do Maranhão. Observamos e registramos o comportamento do alunado na interação durante a execução das atividades propostas. Concluímos que: 1) o cancelamento da vibrante, característico do Português brasileiro e exemplificado na prolação dos sujeitos participantes da pesquisa, é motivado pela proximidade de traços fonéticos entre as vogais e o rótico, e interfere na omissão do morfema de infinitivo na escrita de alunos do Ensino Fundamental; 2) a execução de atividades em que se promove a interação alunos/alunos, alunos/professor, explorando as modalidades escrita e oral da língua resulta eficiente para a minimização do desvio ortográfico do apagamento do R em final de verbos.

**PALAVRAS CHAVES:** Apagamento do R; Fonologia; Interação em sala; Sociolinguística.

**ABSTRACT:** We present an excerpt from the dissertation of the Professional Master of Arts at the State University of Piauí (PROFLETRAS), in which the erasure of the R at the end of verbs in the writing of sixth year students was discussed, and the proposition of an object of learning, by applying a set of exercises worked in the classroom, specifically aimed at erasing the R in the writing of elementary school students. In this work, we adopted the contributions of Phonology by Alvarenga and Oliveira (1997); Bisol (2005); Scliar-Cabral (2003), of Spelling proposed by Moraes (1999); Zorzi (1998), and Educational Sociolinguistics, developed by Bortoni-Ricardo (2004; 2005) etc. We applied five activities for the analysis of auditory perception of /R/, pronunciation of /R/, reading and writing of R; and we analyzed the textual productions of a class of 30 sixth year students from a state public school in Maranhão. We observe and record the student's behavior in the interaction during the execution of the proposed activities. We conclude that: 1) the cancellation of the vibrant, characteristic of Brazilian Portuguese and exemplified in the delivery of the subjects participating in the research, is motivated by the proximity of phonetic traits between the

<sup>1</sup> Professora Associada I, lotada no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), atuando no curso de Letras/Português e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

<sup>2</sup> Professor da rede pública estadual de São Luís do Maranhão, e egresso do Mestrado Profissional em Letras da UESPI.



vowels and the rotic, and interferes in the omission of the infinitive morpheme in the writing of students Elementary Education; 2) the execution of activities in which students / students, students / teacher interaction is promoted, exploring the written and oral modalities of the language is efficient for minimizing the orthographic deviation of the erasure of the R at the end of verbs.

**KEYWORDS:** Erasing the R; Phonology; Room interaction; Sociolinguistic.

## 1 Introdução

A supressão do R em final de verbos no infinitivo acompanha a escrita de indivíduos em diferentes níveis de ensino e com diferentes graus de incidência; no Ensino Fundamental (EF) é influenciado pela fala, como nos informam Moraes (1999) e Zorzi (1998), que classificam esse desvio ortográfico como apoio da escrita na oralidade. Essa compreensão impulsionou uma pesquisa de campo que considerasse a escrita dos alunos do sexto ano do EF, para confirmar a predileção do apagamento do R no Português Brasileiro (PB) na língua escrita e explicar por que o rótico é cancelado na coda final dos verbos.

Para estudar a tendência ao apagamento do rótico no PB, recorreremos a trabalhos no âmbito da Sociolinguística, tais como os postulados de Nascentes (1953); Callou e Serra, (2002); Bortoni-Ricardo (2004,2005); Pedrosa (2014), entre outros. Encontramos explicação fonético-fonológica para o cancelamento do rótico em fechamento de verbo em Alvarenga e Oliveira (1997), Silva (1999), Bisol (1999; 2005), Callou, Leite e Moraes (2002), e Collischonn (2005).

Somada à pesquisa bibliográfica, empreendemos a pesquisa de campo, com a aplicação de atividades de leitura e de escrita propostas aos alunos do sexto ano, para avaliarmos e discutirmos o registro ou o apagamento do R em final de verbos em exercícios respondidos e textos produzidos pelo alunado. Para a aplicação das atividades e a análise dos resultados, consideramos o momento em sala de aula, em que foram trabalhadas seis atividades de audição, percepção, pronúncia, registro e avaliação do registro do R.

Na segunda seção, “O aspecto sociolinguístico do apagamento do R e sua motivação fonético-fonológica”, sumariamos a bibliografia que aponta para a

generalização do apagamento do rótico no PB, em uma perspectiva sociolinguística, e a explicação para esse fato do PB, pela Fonética e pela Fonologia. A terceira seção, “O apagamento do R na escrita de alunos do sexto ano”, traz o relato de experiência sobre a pesquisa de campo, sua descrição, os resultados obtidos, e o processo de interação que concluiu ser o apagamento do R uma realidade na escrita dos alunos do sexto ano do EF. Na quarta seção, “Considerações finais”, sintetizamos os resultados obtidos ao final da pesquisa e apontamos algumas reflexões a respeito do ensino da ortografia da Língua Portuguesa.

## **2 O Aspecto Sociolinguístico do Apagamento do R e sua Motivação Fonético-Fonológica**

A não realização do arquifonema /R/ em coda silábica é um traço do PB estudado há mais de meio século, ora vinculado a questões externas (classe social, nível de escolaridade, gênero ou idade), ora relacionado a fatores estruturais da língua (posição do fonema na sílaba e no vocábulo, e os contextos fonológicos precedentes e subsequentes ao rótico). Nos anos 1920, as pesquisas de Nascentes (1953) apontavam relação entre a queda da vibrante final e a classe social do falante na sociedade carioca, com a indicação de que, mesmo entre informantes ditos cultos, o /R/ era pronunciado de forma “leve” em final de palavra (NASCENTES, 1953, p.51). O trabalho de Marroquim (1996), em 1930, apresenta o destravamento silábico pela queda do /R/ como tendência na fala não monitorada de alagoanos e pernambucanos, em espaços urbanos e não urbanos, considerando o contexto fonológico de final de palavra antecedendo consoante: “Ela não quer maçã” /ela nãw kɛ ma’saN/. A pesquisa de Votre (1978) considerou escolaridade, classe morfológica e contexto fonológico seguinte para o cancelamento ou a manutenção das sílabas travadas no falar carioca: a escolaridade não seria um fator tão determinante para a manutenção da vibrante final na fala.

Callou e Serra (2002), em estudo de tendência, analisam dados das décadas de 1970 e 1990, e confirmam a predileção do apagamento para a posição de coda final, mostrando a direção tomada por duas comunidades linguísticas: em Salvador e no Rio de



Janeiro, em duas décadas, o apagamento do /R/ em coda externa atingiu itens não verbais e itens verbais, nestes o cancelamento do segmento rótico já não encontraria obstáculos (CALLOU e SERRA, 2002). Alencar (2004), estudando a pronúncia de moradores de Fortaleza, contribui para a argumentação de que o apagamento do /R/ estreita-se mais às questões estruturais que às sociais: o determinante para o cancelamento do rótico é a posição pós-vocálica em final de palavra (ALENCAR, 2004).

Monaretto (2009), considerando informações coletadas nas décadas de 1980 e 1990, interpreta os dados do projeto Variação Linguística Urbana no sul do Brasil – VARSUL, e mostra o apagamento como a variante do rótico com mais alta frequência na posição de coda final em seis cidades do sul do Brasil: Londrina e Pato Branco (PR); Lages e Blumenau (SC); Panambi e Flores Cunha (RS). Nesse mesmo período, mas voltando-se para o falar piauiense, Carvalho (2009), em estudo com viés da análise acústica e da teoria variacionista, informa-nos sobre a tendência ao apagamento do rótico na comunidade estudada, em que pese a escolarização do falante (CARVALHO, 2009). Em relação aos resultados apresentados por Nascentes (1953) e Votre (1978): nas décadas de 1920 e 1970, os pesquisadores ainda diferenciavam a realização do /R/ em coda final entre escolarizados e não escolarizados, no adentrar do século XXI, como podemos observar nos estudos de Alencar (2004) e Carvalho (2009), a orientação do PB falado é para o cancelamento do rótico em fechamento de lexema, independente de maior ou menor escolarização do falante.

No decurso das pesquisas apresentadas, há uma inclinação para: 1) distanciamento de fatores sociais, externos à língua, e aproximação a elementos estruturais, internos à língua; 2) focalização crescente na posição ocupada pelo /R/ no lexema, nos contextos fonológicos em que o rótico se insere, e na categoria morfológica do portador do rótico.

Feita a consideração de que o apagamento do /R/ em coda silábica, consoante a literatura estudada, vem se estabelecendo no PB nas linhas temporal (da década de 1920 ao primeiro decênio do século XXI) e espacial (de norte a sul do Brasil), e que os fatores determinantes para esse caso estariam no âmbito interno da língua, estudamos os aspectos

fonético-fonológicos que poderiam motivar a queda do rótico em coda silábica. Na obra Educação em língua materna, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que:

em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (correr > corrê; almoçar > almoçá; desenvolver > desenvolvê; sorrir > sorri). Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85).

A esse respeito, lembramos que os três ambientes demarcados por Silva (1999) como mais propícios para a modificação de um fonema são compatíveis com o cancelamento do /R/ em coda externa de verbos: “a) sons vizinhos: precedentes ou seguintes; b) fronteiras de sílabas, morfemas, palavras e sentenças; c) posição do som em relação ao acento” (SILVA: 1999, p.119). O /R/ em coda final verbal tem como sons adjacentes precedentes as vogais /a/, /e/, /o/ e /i/, com as quais guarda traços compartilhados, como os de sonoridade e continuidade, segundo encontramos em Matznauer (2005). A assimilação da sonoridade do rótico pela vogal a ele antecedente provocaria, pois, o alongamento vocálico no final da palavra e a perda do /R/, com consequente destravamento silábico.

Quando se refere à escala de sonoridade dos fonemas da Língua Portuguesa, Collischonn (2005) nos informa que as líquidas – categoria em que se insere o rótico – são as consoantes mais próximas das vogais, e que compartilham com estas o traço + silábico. Podemos compreender, por esse viés, o apagamento do /R/ como resultado de um processo de assimilação de traços entre os fonemas vocálico e consonantal: por apresentarem traços aproximados, a consoante, menos sonora, seria apagada em detrimento da vogal, núcleo da rima e segmento mais sonoro.

Alvarenga e Oliveira (1997, p.131) apresentam a escala de sonoridade silábica, na qual a coda estaria na parte decrescente da curva melódica da sílaba, o que lhe conferiria “grande instabilidade estrutural”, motivada pela indistinção fonológica no descenso de sonoridade na sílaba, conferindo maior propensão a processos fonológicos como a

supressão de fonemas.

Para Alvarenga e Oliveira (1997), o rótico se encontra em posição limítrofe entre as consoantes, os glides e as vogais; e, para haver maior estabilidade estrutural na sílaba é necessária maior distância entre os segmentos que a compõem. Considerando essas afirmações, podemos afirmar que uma sílaba travada por um rótico seria altamente instável, dada a proximidade em termos de traços e de escala de sonoridade entre o núcleo da rima, a vogal, e sua coda, a consoante.

Frisamos, portanto, que a instabilidade estrutural e o processo de assimilação por aproximação de traços entre rótico e vogal concorrem para o apagamento do /R/ em coda silábica externa, principalmente na forma infinitiva dos verbos, cuja estrutura paradigmática é cvc (consoante + vogal + consoante): c + ar, c + er, c + or, c + ir (amar, vender, compor, pedir). Ao assimilar, por exemplo, a sonoridade do rótico, a vogal se alongaria, o rótico seria cancelado, e a rima da sílaba seria simplificada, estabilizando-a, tornando-a estruturalmente ótima. Na próxima seção trataremos, especificamente, da nossa pesquisa realizada com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola na rede pública, em São Luís (MA).

### **3 O apagamento do R na escrita de alunos do sexto ano**

Nossa pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública estadual urbana de São Luís do Maranhão. Os sujeitos da pesquisa foram 30 alunos matriculados (14 meninas e 16 meninos) no sexto ano do EF. turno vespertino. Vinte e oito frequentavam regularmente, 02 foram transferidos, e 02 começaram a frequentar, após o início das aulas. A faixa etária média dos estudantes era de 11 anos, 03 alunos se encontravam em distorção idade/série, com 13 anos. O histórico de repetência era baixo (05 alunos).

No início do ano letivo de 2014, os alunos foram informados sobre a pesquisa. Descrevemos os procedimentos de coleta de dados, e enfatizamos o compromisso em não expor-lhes a situações vexatórias, como a vinculação de seu nome a desvios da norma da língua. Os alunos, para análise dos dados, foram codificados de A1 a A30. Pedimos



maior desprendimento, empenho e naturalidade na realização das atividades de Língua Portuguesa, e no acompanhamento e participação nas aulas. Em seguida, apresentamos aos alunos o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foram entregues com a orientação de que seus responsáveis lessem-nos e, com o prazo de uma semana, devolvessem-nos assinados, caso considerassem convenientes os termos propostos.

### 3.1 Interação em sala de aula: atividades com alunos e seus resultados

Em que pese o fato de o nosso trabalho não ter sido pautado, estritamente, nos preceitos teóricos da Sociolinguística Interacional, temos a consideração de que a aplicação dos exercícios na turma do sexto ano dialoga com a perspectiva de se trabalhar a Língua Portuguesa de uma forma mais dinâmica e democrática, incentivando o aluno a expressar-se oralmente, concedendo-lhe o espaço para ser protagonista na sala de aula.

Temos a certeza, ainda, de que foi a adoção dessa perspectiva, priorizando as interações aluno/aluno, aluno/professor, que possibilitou atingirmos nosso objetivo, que foi o estudo do desvio do apagamento do R na escrita dos alunos, sua motivação fonético-fonológica, e busca por procedimentos que conseguissem, pelo menos, minimizar a omissão do morfema de infinitivo nos verbos escritos pelos adolescentes aprendizes.

Realizamos atividades de leitura, produção textual e treino ortográfico (ditados de palavras, de frases, preenchimento de lacuna) para coletar dados referentes ao apagamento do R na escrita dos estudantes, de março a outubro de 2014.

3.1.1 **Ditado de frases:** feito a partir da leitura do texto “Marta, a rainha do Brasil”, uma entrevista com a jogadora de futebol (CEREJA e MAGALHÃES, 2012, p.167-168) do livro didático adotado na escola. O objetivo era avaliar a memória visual do aluno: os vocábulos a serem exercitados já haviam sido lidos anteriormente. Caso o estudante não percebesse a realização do /R/ na fala do professor, poderia recordar a forma lida no texto: ainda que o professor ditasse /iztu'daɔ/, o aluno teria recurso mnemônico – ao menos era

o que esperávamos – para escrever “estudar”. Se no texto aparecia a frase “meu irmão mais velho assumiu a responsabilidade”, o professor ditava: “Meu irmão é forte”, por exemplo.

Para o ditado de frases, foram selecionados os seguintes lexemas e contextos fonológicos: coda medial: a) contexto subsequente de consoante surda: oportunidade, perto; b) contexto subsequente de consoante sonora: cadernos, irmãos, perguntou. Coda final: a) contexto subsequente de vogal: fazer, ler; b) contexto subsequente de pausa: desistir, escolar, estudar.

Nenhum item teve sua escrita ortográfica observada por todos os estudantes. Não se mostrou relevante a diferença entre os registros do /R/ antes de fonema vozeado (irmãos: 25 registros) ou desvozeado (perto: 24 registros). A posição da coda, interna ou externa, mostrou-se mais influente para a escrita ou não do R na palavra. Os itens portadores de /R/ em coda externa apresentaram os menores índices de registro do R: 06 alunos (estudar, ler, desistir) e 09 alunos (fazer); 27 alunos omitiram o R da forma infinitiva verbal, ainda que, ao ditar as frases, tenhamos realizado o sândi com os verbos “fazer” e “ler”: “Vamos fazer um bolo?”, “Quero ler aquele livro”.

Corroborando a afirmação de Callou e Serra (2002) de que, no PB, nenhuma fronteira prosódica refrearia a supressão do rótico em coda, a pausa também favoreceu o apagamento do R. Os lexemas “desistir”, “escolar” e “estudar” obtiveram menos registros do R que as palavras com coda medial, mas no item nominal “escolar” (quinze registros), a apócope do R foi minorada, talvez porque se tratasse de uma palavra de uso mais corrente, o que possibilitaria a comparação entre as formas paroxítona (escola) e oxítona (escolar), e levaria o sujeito escritor a diferenciar os dois itens a partir do R final: cinco alunos se manifestaram nesse sentido.

**3.1.2 Audição e registro de palavras em textos com lacunas:** O exercício de preenchimento de lacunas foi realizado com dois textos (CEREJA e MAGALHÃES, 2012; CORRÊA, 2002) lidos com antecedência pelos alunos. Selecionamos um fragmento de cada texto, omitimos dez palavras em cada trecho, mas centramos a



observação em doze lexemas portadores do /R/ em posição de coda silábica externa, nos ambientes de sândi (“ter ouvido”, “comunicare”, “interagirentre”), para investigar a manutenção ou não do R antes de palavra iniciada por vogal; antes de fonema sonoro (“...é melhordo que...”); antes de fonema surdo (“...alguém dizerr que...”); antes de pausa (“...o de outro lugar.”). Importava-nos conferir também a importância do tipo da vogal precedente para a percepção ou não do /R/ e o registro ou não do R na escrita.

Quase a totalidade dos discentes não escreveu o morfema de infinitivo, principalmente quando o contexto antecedente ao /R/ foi a vogal /i/. As duas formas verbais que mais sofreram apócope do R pertenciam à terceira conjugação, resultado que põe em relevo a proximidade de traços entre o rótico e a vogal alta, anterior e não arredondada.

Devemos considerar ainda que as formas verbais não monossilábicas com temas em “-a”, “-e” e “-o”, quando desprovidas do travador silábico R ou do acento gráfico, têm deslocado o acento tônico da última (oxítona) para a penúltima (paroxítona) sílaba (dançar → dança; vender → vende), o que não acontece com os verbos da terceira conjugação (demitir → demit). Esse dado pode ter sido responsável, nos exercícios de preenchimento de lacunas, pelo maior índice de omissão do R nos verbos “repelir” e “interagir”: sem a pista acústica da distinção de peso silábico entre palavra com coda travada e com coda destravada, os alunos não reconheceriam a função do R na palavra, e, logo, não o registrariam.

A possibilidade de ressilabificação do rótico, passando de coda a ataque, não determinou a retenção do /R/ e a escrita do R: ainda que os verbos estivessem na precedência de vogal (“repeliros...”, “interagirentre”), o índice de apagamento por eles obtido superou o do infinitivo verbal com contexto seguinte de consoante desvozeada (“dizerque...”).

Atribuímos a um aluno a tarefa de ler o texto a ser completado, para os alunos escutarem a leitura de um colega da mesma faixa etária e variante linguística. Seleccionamos um aluno com maior proficiência em leitura para evitar que pausas ou interrupções indevidas pudessem influenciar o registro das palavras lidas. Os alunos

havam sido previamente orientados a ler o texto “Variação linguística e preconceito social” de Cereja e Magalhães (2012, p.38) em casa, para responder alguns exercícios que o acompanhavam. Os exercícios foram respondidos e, na aula seguinte, foi realizado o ditado com preenchimento de lacunas. Entendemos ser mais conveniente não falar em classes gramaticais para não direcionar a atenção dos alunos, para as formas verbais que já estavam sendo estudadas nas aulas expositivas.

Foram omitidos dez lexemas, seis foram alvo de análise: quatro verbos (ter, dizer, comunicar e interagir), um substantivo (lugar) e um adjetivo (melhor). A supressão de palavras de outras categorias gramaticais deveu-se à necessidade de não concentrar a atividade na escrita de verbos, pois, caso assim fizéssemos, haveria o risco de os alunos observarem essa inclinação das respostas e grafar corretamente as formas infinitivas, menos por conhecimento ortográfico que por estratégia de resposta.

Em relação ao contexto fonológico, havia, no trecho escolhido, ambiente para sândi com os verbos ter (+ ouvido), comunicar (+ e) e interagir (+ entre), para investigarmos a existência ou não do apagamento do R antes de palavra iniciada por vogal, e a possibilidade de a realização de um tepe influenciar na manutenção do R na escrita. A presença de verbos das três conjugações, por sua vez, permitiu a análise a respeito do peso do tipo da vogal precedente para a supressão ou não do /R/ na fala, e a interferência desse dado na escrita do R em coda externa verbal.

Após o preenchimento das lacunas do texto e entrega das atividades, questionamos o porquê de haverem registrado “comunica” e não “comunicar”, “dize” em vez de “dizer”, e demais casos. Nesse momento, apresentamos frases com palavras paroxítonas não acentuadas terminadas nas vogais baixa e média (cama, laje) e pedimos para que os estudantes fizessem a leitura das mesmas, atentassem para a posição da sílaba tônica, e comparassem com as formas verbais por eles grafadas. Esse procedimento foi usado apenas com os verbos “comunicar” e “dizer”, uma vez que o monossílabo (ter) e o verbo de terceira conjugação (interagir) não permitem a reflexão sobre a mudança de acentoônico na palavra, a partir do uso ou não do travador silábico R: de “permiti” para

“permitir” não há diferença de posição de acento tônico. Os alunos demonstraram pronto reconhecimento dos desvios cometidos.

Para a leitura do professor foi selecionado um fragmento do romance Cazuza, de Viriato Corrêa (2002). Focamos a realização ou apagamento, considerando a classe morfológica (verbos no infinitivo, substantivos, adjetivos) e a dimensão do vocábulo (monossílabos e não monossílabos), em seis palavras: três verbos (dar, repelir, ser), dois substantivos (açúcar, suor) e um adjetivo (trabalhador). Foram omitidas outras palavras que não contivessem em sua estrutura o /R/ em coda silábica externa, no intuito de não dirigir a expectativa do alunado para a escrita do R em fechamento de sílaba.

Investigamos que forma favoreceria o apagamento do R, se a polissilábica (repelir), se as monossilábicas (dar, ser), e, entre estas duas, se a supressão do R era mais incidente em “dar” que em “ser”. O infinitivo “dar” apresenta correlação de tonicidade com a forma conjugada na terceira pessoa do presente do indicativo, “dá”, palavra muito presente na comunicação cotidiana; o infinitivo “ser” possui o correlato em tonicidade na segunda pessoa do imperativo afirmativo “sê”, este, contudo, não é um vocábulo de uso corriqueiro dos alunos. Seria possível, portanto, que um destes verbos sofressem mais apagamento que o outro.

Conforme observamos nas atividades anteriormente discutidas, a possibilidade de ressilabificação do rótico, passando de coda a ataque, não determinou a retenção do /R/ e a escrita do R: ainda que os verbos estivessem na precedência de vogal (“repeliros...”, “interagirentre”), o índice de apagamento superou o do infinitivo com contexto seguinte de consoante desvozeada (“dizerque...”).

A título de ilustração, apresentamos excertos de atividades com preenchimento de lacuna, que fizeram parte da nossa proposta de pesquisa, como verificamos na figura 01, a seguir.

**Figura 01: Preenchimento de lacunas – Leitura do professor pesquisador**

**Aluno A12**

“—Desde que o Brasil começou a da os primeiros passos para a fronte, o negro está ao lado do Brasil. Nos primeiros engenhos de cana-de-alica, no século do descobrimento, lá está o negro trabalhando. Quando é preciso reple os holandeses da terra pernambucana da terra maranhão, de quase toda terra nortista, o Reito do negro é uma de nossas maiores fortalezas. Nas bandeiras que entram pelos Portais a fundo, à procura do ouro, ao lado do Bandeirante que é o Senhor de tudo, está o negro, sempre trabalhando sempre leal e sempre Bem sem nen senhor de nada. (...) auri um tempo em que Minas se abastou de ouro e de diamantes; em que o Maranhão impinguiu com o algodão (...) Tudo isso se fez à custa do suor do negro.” (CORRÊA, Viriato. Cazuza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. p. 143, 144).

**Aluno A20**

“—Desde que o Brasil começou a da os primeiros passos para a fronte, o negro está ao lado do Brasil. Nos primeiros engenhos de cana-de-alica, no século do descobrimento, lá está o negro trabalhando. Quando é preciso reple os holandeses da terra pernambucana da terra maranhão, de quase toda terra nortista, o Reito do negro é uma de nossas maiores fortalezas. Nas bandeiras que entram pelos Portais a fundo, à procura do ouro, ao lado do Bandeirante que é o senhor de tudo, está o negro, sempre trabalhando sempre leal e sempre bem sem nen senhor de nada. (...) auri um tempo em que Minas se abastou de ouro e de diamantes; em que o Maranhão impinguiu com o algodão (...) Tudo isso se fez à custa do suor do negro.” (CORRÊA, Viriato. Cazuza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. p. 143, 144).

Fonte: Elaboração do professor pesquisador, a partir de trecho de Cazuza (CORRÊA, 2002, p. 143-144)

Os exemplos da Figura 01 ilustram a tendência geral da turma em relação à escrita do R na posição de coda silábica: a) manutenção do R em coda interna (nortista, fortalezas, pernambucana), e na coda externa de itens de menor extensão; b) cancelamento do /R/ e apagamento do R em verbos não monossilábicos da terceira conjugação.

Uma indicação de que o contato com o universo letrado influencia a aquisição da escrita ortográfica e leva à reflexão sobre a forma de escrevermos uma palavra é o fato de que os alunos constantemente perguntam, em relação aos pares “está/estar” e “dá/dar”,

se a palavra é ou não escrita com R, pois as duas formas são de trânsito comum nas leituras feitas pelos estudantes. O mesmo não se dá em relação ao par “sê/ser”, a forma imperativa do verbo é pouco comum nos textos a que os adolescentes têm acesso. Raciocínio idêntico tivemos em relação aos pares “repeli/repelir” e “interagi/interagir”, em que as formas pretéritas e infinitivas concorrem em tonicidade, mas não se aplica aos verbos não monossílabos de primeira e segunda conjugações, nestes, o apagamento do R altera a posição da sílaba tônica, o que resultou, por exemplo, em um menor índice de supressão do R, entre os verbos não monossílabos, “comunicar” e “dizer”. Esperávamos que o lexema “açúcar”, por se tratar de uma paroxítona, com sílaba travada átona, apresentasse maior índice de omissão do R final. Mais uma vez o trato comum com o lexema pode responder pela conservação do R na escrita dos alunos.

Os verbos na forma infinitiva são os itens lexicais que mais sofreram a supressão do R, atingindo vinte e sete ocorrências de apagamento, isto é, quase a totalidade dos sujeitos da pesquisa não escreveu o morfema de infinitivo, mormente com o contexto antecedente da vogal /i/. As duas formas verbais que mais sofreram apócope do R pertencem à terceira conjugação, a proximidade de traços entre o rótico e a vogal alta, anterior e não arredondada é um dado a ser considerado como motivação do cancelamento do rótico.

Apenas os fonemas semivocálicos (/y/ e /w/) separam os róticos (/r/, /h/) das vogais altas (/i/, /u/). Essa proximidade entre os dois constituintes da terminação da terceira conjugação dos verbos portugueses é rejeitada pelo Princípio do Contraste (ALVARENGA e OLIVEIRA, 1997), segundo o qual um fonema mais sonoro precisa ter um menos sonoro como adjacente na sílaba para fins de estabilidade estrutural. A situação de instabilidade estrutural seria resolvida pela assimilação de traços fonéticos do /R/ pela vogal /i/, aquele seria apagado em detrimento desta, que teria suas qualidades reforçadas, ou seria “alongada”, conforme expresso por Bortoni-Ricardo (2004, p.85).

**3.1.3 Ditado de palavras:** Foi lido um poema (O Direito das Crianças, de Ruth Rocha) que os alunos acompanharam sem o apoio da cópia do texto, para que fizessem o registro



de todas as palavras com realização do /R/. Ao entregar a folha para o apontamento das palavras, não falamos sobre a posição do /R/ na palavra, a intenção era conseguir um registro o mais fiel possível à percepção auditiva do aluno, sem que este se preocupasse com a forma de prolação do rótico, se forte ou branda; com sua posição, se no início, meio ou fim do vocábulo; ou com a classe gramatical da palavra.

O solicitado foi que o aluno anotasse apenas as palavras em que ele considerasse ser necessário escrever R ou RR. Foram feitas três leituras, tendo em vista a extensão do texto e fatores como nervosismo e dispersão, que poderiam interferir na captação das palavras com /R/ pelos alunos. Consideramos, também, o fato de que o grande número de palavras portadoras do segmento /R/ dificilmente seria registrado, em sua totalidade, por todos os alunos; contudo o intento maior não era ter todas as palavras apontadas, mas o maior número possível, e, a partir deste resultado, observar se havia mais registro de palavras com o /R/ na posição de ataque absoluto (segurança) ou complexo (criança); ou na posição de coda medial (sorvete) ou final (ganhar). Ressaltamos que o texto Direito das Crianças, de Ruth Rocha (2002), traz quarenta e seis itens verbais e nominais, monossílabos (ver, ser, ter, lar, e outros) e não monossílabos (estudar, querer, respeitar, correr, colorir, brincar, armar, sorvete, corda, calor, cartola, escorregador, e outros), por essa razão ele foi escolhido.

A extensão do lexema não pode ser tomada como causa única para os sujeitos da pesquisa não haverem registrado os verbos de segunda conjugação entre as palavras portadoras da consoante R, uma vez que um item como “lar” alcançou 25 registros. Tampouco podemos dizer que uma forma (“mar”, “lar”) seja mais usual que a outra (“ser”, “ter”), já que se trata de itens com presença corrente no universo de leitura dos adolescentes.

Em relação ao substantivo “escorregador” e dos verbos “sorrir”, “respeitar”, “concordar” e “querer”, os estudantes faziam o registro dessas palavras desobedecendo sua forma ortográfica, não escrevendo o R final: 07 supressões em coda externa para o item concordar; quatro apócopies da coda externa, para os verbos querer e sorrir. Em todas essas anotações, o rótico foi preservado nas posições de coda interna e onset.



3.1.4 **Produção textual espontânea**: Entregamos um caderno de redação para cada aluno, com a indicação de que toda semana trouxessem uma produção escrita, feita em casa, sobre o tema que lhe interessasse, podendo ser sobre a leitura dos livros literários que estavam sendo emprestados quinzenalmente para cada estudante, ou sobre qualquer outro tema: esporte, filmes, novelas, notícias do bairro, questões pessoais, sociais, entre outras.

Tendo em vista o que afirma Votre (1978, p.38), a respeito da necessidade de o utente não controlar conscientemente o item linguístico a ser investigado pelo pesquisador; e o que salienta Abaurre (1994, p.137), sobre as hipóteses (fala-escrita, escrita-escrita) que atravessam o ato de redigir, em uma situação não conduzida pelo professor, foram exploradas três produções textuais espontâneas, num total de noventa textos, para identificar:

- 1) O predomínio de palavras com sílabas leves sobre sílabas pesadas (travadas), com vistas a observar a pertinência da ideia de Câmara Jr. (2004, p.38) em relação ao padrão silábico do Português, sobre as formas mais canônicas da sílaba portuguesa.
- 2) A quantidade de palavras que sofreriam o apagamento do R, considerando a classe morfológica: substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou verbo no futuro do subjuntivo, com vistas a fazer o cotejo com o trabalho de Votre (1978). Esse levantamento permitiria concluir sobre a preferência ou não do processo de supressão do R em coda silábica nas formas verbais de infinitivo;
- 3) Os possíveis contextos favorecedores do cancelamento do R, de acordo com o estudo de Ribeiro (2013): tipo de vogal precedente, tipo de vogal subsequente, tipo de consoante subsequente, existência de pausa, ou processo de ressilabificação. Essa análise poderia comprovar a ideia anterior de predomínio do cancelamento no infinitivo, caso confirmássemos não haver diferença entre o apagamento antes de fonemas vozeados e fonemas desvozeados; entre o contexto subsequente de consoantes fricativas ou oclusivas; entre a existência de pausa subsequente ao /R/ ou a presença de vogal na palavra posterior ao /R/, desencadeando um sândi.



A análise dos resultados das produções textuais espontâneas contribuiu para a comprovação de dados levantados nos exercícios anteriores e referendados na literatura atinente aos róticos. A proposta de cada estudante escrever um texto espontâneo por semana não se concretizou, dessa forma a quantidade de produções apresentadas não foi homogênea para todos os sujeitos da pesquisa, enquanto alguns alunos totalizaram mais de vinte textos entregues, outros não apresentaram mais de cinco redações, entre os meses de maio e dezembro de 2014.

Depreendemos do trabalho de Ribeiro (2013) que a manutenção dos elementos estruturais se dê mais na escrita que na fala. A diferença entre a prolação de itens como “lá” /la/ (advérbio) e “lar”/lah/ ou /laʁ/ (casa), nos dialetos em que o rótico é glotalizado ou apagado, é bastante discreta; contudo, ao escrever, o poder de observação tende a se aguçar e se soma aos conhecimentos prévios que o aluno possui, a seu universo de leitura. Logo, o próprio aluno pode, no ato da escrita, não reconhecer formas como: “se” para “ser”, “la” para “lar” ou “i” para “ir”, o que o levaria a refletir sobre a forma ortográfica desses itens. Por esse raciocínio, os lexemas com mais de uma sílaba seriam mais propícios à realização de apócopies, pois o foco do escritor não estaria apenas em uma sílaba, em seu desfecho, mas se distribuiria na extensão da palavra, na combinação das letras nas sílabas ao longo do lexema.

Observamos, também neste caso, a discrepância entre a frequência de monossílabos e não monossílabos com coda em R. Os primeiros – excetuando-se o caso de conectivos como “por” ou verbos – aparecem pouco nos textos, pois têm contexto de uso mais específico (mar, cor, entre outros); os não monossílabos, por sua vez, têm maior inserção na escrita dos adolescentes (chegar, dançar, dizer, fazer, melhor, pior, entre outros), independente do tema da produção textual.

A literatura aponta para a possibilidade de ressilabificação do rótico em coda, a partir da realização de um tepe no processo de sândi entre o /R/ final de uma palavra e a vogal que lhe segue: “Vou falar a verdade”→/vow fa’la ra ver’dadi/; os dados observados na escrita dos alunos do sexto ano, contudo, sinalizam para a possibilidade de cancelamento total do /R/, a ponto de não permitir a ressilabificação, em que a coda de



um lexema passaria a ataque silábico em outro, ou seja, não é gerado o segmento tepe. Dessa forma, não é descabida a ideia de o indivíduo desenvolver o exemplo supra sem o rótico, apagando-o na escrita: /vow fa'la a ver'dadi/→ “Vou fala a verdade”. O apagamento do rótico antes de vogal já foi encontrado em outros estudos, a exemplo da pesquisa de Alencar (2007).

A seguir dois textos espontâneos que foram digitados, reproduzindo a escrita dos sujeitos da pesquisa.

**Texto 01.** “O gordinho do pé torto”: Era uma vez um gordinho do pé torto, quando ele andava todo mundo sorria e tinha um menino que ele falou pro gordinho não liga pra quem fala de te você tem liga pra você mesmo, e o gordinho seguiu no conselho do amigo e quando ele ia sai todo mundo sorria dele e ele nem ligava pro conselho das outras algumas pessoas também pararam de falar preconceito do gordinho e ele ficou muito feliz e pediu obrigado para o amigo dele. (A29)

**Texto 02.** “A menina moça”: Serto dia a professora rosa estava dando aula. quando ela estava para passa atividade. alguém bate na porta. a professora vai abri ai os alunos se perguntam sera que e a diretora, quando olham era uma aluna nova (...) os meninos ficaram cuchichando baixinho, a novata que se chamava laura foi se sentar e ficou no canto dela calada solitária, passo dias sem fala com ninguém da sala, ai o menino joão foi conversa com laura (...) ai as outras garotas (...) começaram a fazer bullyin porque todas três garotas gostavam do joão (...) se laura não tomasse uma providencia aquele bullying ia continuar (...) a Laura começou a receber ameaças pela internet (...) ai tinha que toma serias providencias de ir a delegacia registra queixa.(...) (A21)

O texto 01 foi transcrito na íntegra, o texto 02, mais extenso, teve omitidas algumas passagens que não traziam informação sobre a escrita do R em coda silábica. Apesar de os textos abordarem idêntica temática (bullying), foram produzidos em momentos diferentes, por indivíduos diferentes: o primeiro, pelo sujeito A29, em maio de 2014; o segundo, pelo aluno A21, em agosto de 2014. As duas ocorrências da segunda conjugação -er no texto 02 apresentaram preservação do morfema de infinitivo, em contextos subsequentes de fonema desvozeado /b/, e de vogal /a/, o que não representa a tendência geral da turma, mas remete para o avanço, ainda que discreto, dos indivíduos em relação à escrita ortográfica do R, haja vista ser essa produção datada do segundo

semestre letivo, quando os alunos já haviam recebido informações sobre o assunto e iniciado as atividades de retextualização de textos multimodais, histórias em quadrinhos.

Em nenhuma das produções, foi registrada a supressão do R em coda medial (“gordinho”, “Serto”, “porta”, “conversaram”), contudo, na posição de coda externa, o rótico foi apagado duas vezes no texto 01, e cinco vezes no texto 02. Podemos observar que os sujeitos A21 e A29 ora preservam (sentar, continuar; falar) ora apagam (passa-~~r~~, fala-~~r~~, conversa-~~r~~, toma-~~r~~, registra-~~r~~; liga-~~r~~) o R na coda dos verbos da primeira conjugação. Em relação ao texto 02, interessa registrar que, em sete verbos presentes no texto narrativo de vinte e nove linhas, apenas dois estavam escritos ortograficamente. Trata-se de um resultado comprobatório de que o aluno não revisa seu texto, pois, se assim o fizesse, ao menos no caso dos verbos não monossílabos com tema em -a, seria possível acusar a necessidade do travador silábico, R, para a manutenção da posição do acento tônico na última sílaba do verbo.

Em relação aos verbos da terceira conjugação, podemos conferir sua frequência reduzida nas produções textuais: uma ocorrência no texto “O gordinho do pé torto”; duas ocorrências no texto “A menina moça”. No texto 01, o apagamento se dá antes de pausa, uma vez que, embora o aluno não tenha utilizado a pontuação adequada, no caso a vírgula, interpretamos o infinitivo “sair” em uma oração adverbial temporal intercalada. A pesquisa de Ribeiro (2013) sobre a escrita de discentes soteropolitanos igualmente aponta a pausa como favorecedora do apagamento do travador silábico.

O texto 02 traz dois infinitivos antecedendo vogal: o primeiro item, não monossílabo, é apagado; o segundo item, monossílabo, tem sua coda preservada. Em Alencar (2004) e Carvalho (2009), encontramos também a forma monossílaba como suscetível à retenção do rótico. No caso do texto do indivíduo A21, os contextos antecedente e subsequente foram menos determinantes para o apagamento ou preservação do R que a dimensão do vocábulo.

**3.1.5 Análise de texto com desvios ortográficos:** Após concluir nove aulas, abordando a ortografia da letra R, a tonicidade das palavras (oxítonas e paroxítonas), e o



uso das formas nominais do verbo, apresentamos, no intervalo de duas semanas, textos com erros propositais, como ausência de acento gráfico, troca de letras (e / i, o / u) e o acréscimo ou a omissão de letras (momento em que exploramos o apagamento do R).

Lemos cada texto, com o cuidado de apresentar uma prolação o mais natural possível, respeitando a tonicidade das palavras, a fim de que os alunos confrontassem o material escrito que tinham em mãos com o texto lido em voz alta pelo professor. Os estudantes deveriam identificar os itens com transgressão ortográfica e indicar porque estes estariam errados.

Especificamente, em relação ao emprego do R na posição de coda, temos, no texto 01, cinco itens verbais não monossilábicos grafados sem o morfema derivacional: quatro infinitivos de primeira conjugação (afasta~~r~~, leva~~r~~, atrapalha~~r~~ e ajuda~~r~~) e um infinitivo de segunda conjugação (sabe~~r~~). Lemos o texto sem seguir a decodificação autorizada pelo material escrito, enquanto os alunos deveriam atentar para a discrepância entre a leitura do professor e a escrita que tinham às mãos, em que apareciam itens com incorreção ortográfica.

O texto lido apresentava os seguintes contextos fonológicos subsequentes para as formas verbais de infinitivo: vogal (afastar, levar e atrapalhar), oclusiva surda (saber) e pausa (ajudar). Havia no texto ainda três itens nominais apresentando incorreção ortográfica em relação ao R: dois substantivos, uma coda final (“escorregado”, por “escorregador”), e uma coda medial (“guada”, por “guarda”); e um advérbio com coda medial (“peto”, no lugar de “perto”).

Para o texto 02, havia quatro itens verbais com supressão do R. O contexto fonológico subsequente para esses verbos foi: vogal (bancar, descobrir e decifrar) e oclusiva sonora (poder). Nesta atividade, foi possível investigar se o aluno utilizava o conhecimento morfológico, que impõe a presença do R nos dois elementos da perífrase “poder descobrir”, ou se o conhecimento fonológico, indicativo do acento oxítono para a palavra terminada em /i/, é determinante para que o aprendiz não reconheça necessidade do R no final do verbo. Aparecem ainda no texto 02, três codas mediais apagadas: “convesava” por “conversava”, “anivesário” e “anivessário” por “aniversário”.



Aos alunos foi solicitada a correção dos textos – a fim de avaliar se os estudantes detectavam os erros cometidos intencionalmente – e a explicação sobre a possível incorreção ortográfica das palavras. Considerando que a sílaba com coda, está relacionada ao acento oxítono; enquanto a sílaba livre se relacionaria ao acento paroxítono, conforme observamos no trabalho de Bisol (2005, p.145), e que essas informações haviam sido trabalhadas nas aulas antecedentes ao exercício, esperávamos que o aluno atentasse para a leitura do texto e refletisse acerca de como representar a proeminência acentual na palavra escrita, para detectar a grafia incorreta em relação à manutenção ou não do acento tônico. Como ilustração, pedíamos para o estudante observar que “escrever” não tem o mesmo acento tônico que “escreve”, “canto” não pode ser lido como “cantor”, entre outros exemplos.

Alguns alunos não seguiram o comando para explicitar por que consideravam que as palavras por eles apontadas estariam em desacordo com a norma ortográfica; de trinta alunos, porém, dez realizaram a atividade completamente, enquanto nove estudantes se contentaram em colocar, lado a lado, as palavras que estariam erradas e sua forma correta. Nem todos os sujeitos da pesquisa que completaram a atividade, fizeram-na com correção total: trabalhávamos com indivíduos do sexto ano do EF, por isso era esperada uma ou outra inadequação na análise dos desvios ortográficos.

Os itens com coda medial foram observados por todos os sujeitos da pesquisa; os verbos no infinitivo, por seu turno, não foram identificados pelo alunado em sua totalidade, ou seja, alguns indivíduos continuam não refletindo sobre a influência da falta do travador silábico no deslocamento da sílaba tônica de verbos não monossílabos.

Apesar de a diferença entre apontamentos realizados e não realizados sobre os desvios ortográficos não ser quantitativamente expressiva, o fato de o apagamento do R em verbos no infinitivo haver sido menos registrado que os itens nominais com coda medial ou final elidida aponta para uma restrição maior à apócope do R em substantivos, adjetivos e advérbios.

A seguir, apresentamos na figura 02, a resposta para o exercício de análise de texto com desvios ortográficos, para ilustrar o que discutimos até o momento.



**Figura 02: O Aluno analisa desvios ortográficos**

	Palavras	porque ta errado
01	Prosinha	ta com som de "z"
02	Descorreo	ta faltando o "r"
03	Pepina	ta com som de "z"
04	afasta	falta o "v" frouco
05	ensangentado	ta com som de "s"
09	Socoro	ta com som de r frouco
10	peo	falta o "r" fica pevo
11	guada	falta o "r" fica quardo
12	admiro	falta o "u" no final
13	sale	falta o "in"

Fonte: Elaboração do professor pesquisador: exercício de análise de desvios ortográficos (sujeito A17)

O interesse maior deste exercício era conferir a forma como os sujeitos da pesquisa explicitavam seus conhecimentos ortográficos. Vejamos, então, o excerto da resposta do sujeito A17, o qual, entre os participantes da pesquisa, demonstrou mais facilidade para exteriorizar seu conhecimento a respeito da ortografia do PB.

No item “pisina”, em que o /s/ poderia ser grafado com c, ss ou sc, o sujeito da pesquisa utiliza seu conhecimento sobre a regularidade contextual e informa que o s entre vogais representa /z/. Idêntico raciocínio o indivíduo opera em relação ao item “ensangentado”, lançando mão do contexto em que se encontra o grafema para decidir sobre sua representação fonêmica. Os casos de representação múltipla apresentam-se, dessa forma, mais marcados, isto é, a presença de itens em cuja estrutura se encontrem os fonemas /s/, /z/, /3/, ou /ts/, por exemplo, reclama do escritor maior cuidado, para não alterar a leitura de seu texto, no caso das regularidades contextuais, tal como no par famoso/famoso. A esse respeito, devemos notar que o rótico em posição de onset tem seu desvio prontamente registrado, conforme observamos nos itens “socoro” (por socorro) e “corendo” (por correndo) que obtiveram anotações de todos os participantes, quantitativo não alcançado pelas formas verbais de infinitivo.

O indicativo que explica a diferença de anotações de desvio ortográfico entre os itens com /R/ na posição de ataque silábico e os itens em que o /R/ é travador de sílaba encontra-se nas respostas dadas pelo sujeito A17: observemos que o aluno distingue dois grupos: no primeiro, o grafema representa um fonema (“ta com som de ‘z’”; “ta com som de ‘j’”; “ta com som de R fraco”); o segundo grupo traz as palavras em que “falta” alguma letra, esses itens, em sua maioria, no exercício proposto, contêm o R na posição de coda silábica (“ta faltando o ‘r’”; “falta o ‘r’, fica perto”).

É lícito conjecturar que, para o sujeito da pesquisa, o R, nas ocorrências de coda interna ou externa, não representa um fonema ou “som”, trata-se apenas de uma letra que deve compor a palavra, para que esta esteja ortograficamente escrita. Se assim não o fosse, o indivíduo argumentaria sobre a mudança de tonicidade em lexemas como “afasta” e “sabe”, cujas sílabas tônicas foram deslocadas, a partir do cancelamento do travador /R/, da posição oxítona para a paroxítona. A esse respeito, vale atentar para o fato de que o sujeito utiliza a expressão “r fraco” para se referir ao erre simples, na representação do tepe /r/, em oposição ao erre geminado, na representação da fricativa /h/, conforme observamos no comentário ao desvio ortográfico na palavra “socoro” (“ta com som de R fraco”).

Com essa consideração, entendemos ser necessário instigar no aluno do EF, no ato da produção textual, o refletir sobre as relações entre a fala e a escrita. Nesse estágio do processo de aprendizagem, as regularidades ortográficas devem ser consolidadas, entre as quais entendemos o registro do morfema de infinitivo nos verbos. Trata-se de uma regularidade nos níveis morfológico e fonológico (pelo menos em não monossílabos com tema em a, e, o).

### **Considerações Finais**

Em relação à generalização do cancelamento do rótico no português brasileiro (PB), pudemos ratificar o que noventa anos de pesquisa (de Nascentes, na década de 1920 a Monaretto, em 2009) já sinalizaram e descreveram em todas as regiões do Brasil: o

cancelamento do rótico em coda final verbal vem se consolidando no PB. A atividade em que os alunos do sexto ano do EF de uma escola da rede pública de São Luís, Maranhão, preencheram textos lacunados, a partir das leituras de um aluno e do professor, resultou em uma relevante incidência de omissão do R em final de verbos.

Os adolescentes ludovicenses demonstraram, sistematicamente, não perceber a prolação do /R/ em fechamento de sílaba, em atividades de ditados (de frases, de palavras, e preenchimento de lacunas), motivo pelo qual não fizeram o registro do R no final dos verbos, confirmando o apoio da escrita na fala, de que nos falam Moraes (1999) e Zorzi (1998).

No que se refere à motivação fonético-fonológica para o cancelamento do /R/ em coda silábica, pautada nos trabalhos de Alvarenga e Oliveira (1997), Bortoni-Ricardo (2004) e Silva (1999), os resultados colhidos nas cinco atividades trabalhadas, entre março e outubro de 2014, com os estudantes do sexto ano, confirmaram que: 1) o sândi, a pausa, e contextos subsequentes desvozeados ou vozeados não foram determinantes para a conservação do R na escrita; 2) o contexto antecedente de vogal alta, anterior e não arredondada, como a vogal “i” da terceira conjugação verbal, é bastante produtivo para o cancelamento do /R/ na fala e o apagamento do R na escrita de infinitivo verbal.

Além constatar, analisar e pormenorizar o desvio da apócope do R na borda dos verbos, pensamos uma alternativa para trabalhar os conceitos subjacentes ao apagamento do R, ou seja, um tipo de atividade que explorasse oralidade e escrita de forma a fazer com que os sujeitos da pesquisa se conscientizassem das peculiaridades entre a fala e a escrita. Encontramos, na retextualização, proposta por Marcuschi (2007) de tiras e histórias em quadrinhos, uma estratégia para os alunos perceberem, na passagem do discurso direto (presente nos balões das narrativas) para o indireto, a função do morfema de infinitivo para a escrita de ação em potência.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Variação dos fonemas / R / e / r / no falar de



Fortaleza – UFC. In: CD ROM **VII Congresso de Fonética e Fonologia e II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia**. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 15 a 18 de novembro de 2004.

ALVARENGA, D. e OLIVEIRA, M.A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. In: **Revista de Estudos de Linguagem**, Belo Horizonte, ano 6, v. 1, p. 127-158, jan./jun. 1997.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processos (s) de enfraquecimento consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela C.S. (orgs). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CALLOU, Dinah e SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. **Revista do GELNE**, v. 14, nº Especial, p. 41-58. 2002.

CARVALHO, Lucirene da Silva. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2009. Tese (Doutorado em Letras).

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. 6º ano: Língua Portuguesa. 7. ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

LIMA, Marcia M. de Oliveira. **As consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 3 ed. Curitiba: HDLivros, 1996.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda.



**Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MONARETTO, Valéria. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, Leda e COLLISCHONN, Gisela (orgs.). **Português do Sul do Brasil:** variação fonológica. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia:** ensinar e aprender. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PEDROSA, Juliene Lopes. Variação Fonético-Fonológica e Ensino de Português. In: MARTINS, Marco Antonio, TAVARES, Maria Alice, VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. **O apagamento do -R em coda silábica:** há influência da fala na escrita? Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Salvador, Universidade do Estado da Bahia, 2013.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do sistema alfabético do Português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

VOTRE, Sebastião. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro.** 1978. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever:** a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

---

Recebido em: 31/05/2021 | Aprovado em: 01/07/2021  
Publicado em: 07/07/2025

---